

SCLIAR CABRAL, Bianca. **Imediações- Práticas de Imprevistos e a Dança Situada**. Florianópolis: UDESC: PPGT, DAC, Lab.E.i. Professora Adjunta Departamento de Artes Cênicas, Programa de Pós graduação em Artes Cênicas, UDESC.

RESUMO: Iniciamos nossa ponderação a partir da noção desenvolvida por Isabelle Stengers de uma Ecologia de Práticas, para discorrer sobre uma prática criativa e procedimentos pedagógicos que se alinham ao que Stengers chamou de cosmopolítica. Na esteira do construtivismo especulativo de Whitehead, a filósofa descreve formas de perceber nossa relação ético-ecológica com o mundo do seguinte modo: “Cosmopolítica define a paz como uma produção ecológica de união real, onde “ ecológico ”significa que o objetivo não é para uma unidade além das diferenças, o que reduziria essas diferenças através de uma referência de boa vontade a princípios abstratos de união, mas em direção à criação de enlaces, assimétricos e sempre parciais. (P. 248-49, Risk of Peace). Neste texto apresento estratégias e alguns pontos chave da nossa pesquisa em improvisação em dança, evitando a recusa daquilo que se propõe transcender ou escapar “das reais limitações de nosso real em direção a alguma universalidade sonhada” (Bordeleau, 2016). Compartilhamos a noção de uma dança situada, desenvolvida no Laboratório de Ensaios e Imprevistos, sediado no Centro de Artes da UDESC para especular sobre o conceito de imediação.Ao aproximar as noções de situação em dança, cosmopolítica e imediação, são tensionadas algumas categorias analíticas recorrentes em dança (sejam estas oriundas das perspectivas semióticas ou da fenomenologia). Para tanto aproximamo-nos do vocabulário desenvolvido na filosofia processual por teóricos como Whitehead, Manning, Massumi, Harwood. A partir deste entrelaçamento surgem algumas ponderações especulativas a serem colocadas em debate teórico-crítico no campo da dança cênica e suas pedagogias contemporâneas, tais como: Como definir de modo preciso a noção de atividade, de evento? Quando a noção de atividade entrelaça-se com potencialidade e imediatividade é tomado como um conceito que realiza potenciais passados, a ação passa a ser apenas aquilo o que produz novidade? Seria necessário revisitar o conceito de criatividade, à luz da filosofia processual, para alcançar a complexidade de uma pedagogia para a improvisação do movimento? Como desenvolver vocabulários para ensinar, estudar e descrever sobre uma dimensão qualitativa do evento, que diz respeito à como ele ocorre e é con-sentido (o que chamamos de imediação e seus desdobramentos)? Se cada evento é uma economia relacional-qualitativa de processos repleta de singularidades e multiplicidades (James) como construir uma pedagogia de imprevistos? Quais são as coincidências que já estão em ocorrência na situação, das quais o fazer em dança poderia se apropriar?

PALAVRAS CHAVE: imediação, improvisação, filosofia da performance, dança contemporânea.

Immediations- Practices of unpredictability and the situated dance.

ABSTRACT: We begin our considerations from the notion developed by Isabelle Stengers of a Ecology of Practices to discuss the creative practice and pedagogical procedures that align with what Stengers called cosmopolitics. In the wake of Whitehead's speculative constructivism, the philosopher describes ways of perceiving our ethical-ecological relationship with the world as follows:

"Cosmopolitics defines peace as an ecological production of real union, where "ecological " means that the goal is not for a unity beyond differences, which would reduce these differences through a reference of goodwill to abstract principles of union, but toward the creation of asymmetrical and always partial links. (P. 248-49, Risk of Peace). In this paper I present strategies and some key points of our research on improvisation in dance, avoiding the refusal of what proposes to transcend or escape "from the real limitations of our reality towards some universality dreamed" (Bordeleau, 2016). We share the notion of a situated dance, developed in the Laboratory of Rehearsals and Unforeseen, based in the Center of Arts of UDESC to speculate on the concept of immediation. By approaching the notions of situation in dance, cosmopolitics and immediation, certain analytical categories are stressed in dance (whether they come from semiotic perspectives or from phenomenology). For this we approach the vocabulary developed in the procedural philosophy by such theoreticians as Whitehead, Manning, Massumi, Harwood. From this entanglement some speculative considerations arise to be placed in a theoretical-critical debate in the field of scenic dance and its contemporary pedagogies, such as: How to precisely define the notion of activity, of event? When the notion of activity intertwines with potentiality and immediacy is taken as a concept that realizes potential past, action becomes only that which produces novelty? Is it necessary to revisit the concept of creativity, in the light of process philosophy, to achieve the complexity of a pedagogy for the improvisation of the movement? How to develop vocabularies to teach, study and describe a qualitative dimension of the event, which concerns how it occurs and is con-sense (what we call immediacy and its unfolding)? If each event is a relational-qualitative economy of processes replete with singularities and multiplicities (James) how to construct a pedagogy of contingencies? What are the coincidences that are already occurring in the situation, of which the doing in dance could appropriate?

**KEYWORDS:** immediation, improvisation, performance philosophy, contemporary dance.

Algo está em ação. Chamamos esta ação de improviso, provocado por técnicas que instauram imprevistos, alternativas às repetições de gestos e responsabilidades previsíveis, movimentos cuja conclusão conseguimos antecipar. A partir da noção desenvolvida por Isabelle Stengers de uma ecologia de práticas, erguemos simultaneamente processos de criação e entrelaçamentos teóricos, no intuito de alcançar o que Stengers chamou de cosmopolítica. A cosmopolítica de Stengers é uma ação política que requer o desenvolvimento de práticas, que chamam ao atravessamento de disciplinas para que possamos manter a surpresa e o desconhecimento de hierarquias e, assim experimentar ingenuamente modos de fazer. (Stengers, 2018)

A partir desta perspectiva refletimos sobre estratégias de improvisação em dança, evitando a recusa daquilo que se propõe transcender ou escapar "das

limitações de nosso real em direção a alguma universalidade sonhada” (Bordeleau, 2018). A partir disso no Laboratório de Ensaios e Imprevistos, sediado no Centro de Artes da UDESC especulamos sobre a necessidade do conceito de imediação para descrever processos de criação e improvisação.

O Laboratório de Ensaios e Imprevistos se ocupa daquilo o que a filósofa espanhola Maria Zambrano chamou de Razão Poética. Somos um ajuntamento para a pesquisa-criação onde investigamos as intersecções entre a dança site specific e a filosofia processual, também conhecida como filosofia do organismo (Whitehead). Através da produção de eventos híbridos e processos interdisciplinares, unindo teoria e ação tentamos condições para a improvisação que incluem práticas e reflexões conceituais sobre pedagogias processuais em que o público é convidado a integrar-se nas performances e composições instantâneas.

Estamos interessados na partilha que não se vê, o intangível-sensível, que denominamos de imediações (Manning, 2016; Massumi, 2002). Para a investigação desta partilha *imediata*, que tentamos alcançar com a criação de constantes imprevistos, em composições, em práticas de estudo ou pedagogias radicais, criamos ocasiões situadas a partir de coreografias que são condições permissivas para invocar uma sintonia de afetos.

Algumas das ideias que temos circulado em investigar e consolidar no campo teórico-prático e que se ancoram no experimento StereoMono<sup>1</sup>, uma performance situada onde os dançarinos abordam pedestres em local central da cidade, que estão utilizando fones de ouvido. Na abordagem pedimos que os passantes nos emprestem um minuto de sua música, para que, do encontro com a sonoridade inusitada, possamos desenvolver uma rápida dança. A pessoa abordada deve, preferencialmente, manter-se conectada com um dos fones, sustentando a distância de aproximadamente um metro entre si e o dançarino. É ela também que é responsável por controlar a duração do encontro.

A partir desta performance apresento aqui proposições sobre Movimento Relacional, Imediação, Movimento Situado e a Dança da Atenção.

## 1. O Movimento Relacional:

---

<sup>1</sup> Vídeo disponível em <https://vimeo.com/264643630>

Esta ideia surge a partir da noção de *biograma*, posto que para pensar em movimento relacional é necessário dissipar a noção de corpo. O Biograma se associa ao que Deleuze e Guattari chamam de diagrama, conceito este que é definido como a força conjuntiva que aproxima as intensidades de uma obra de arte. Os filósofos sugerem que um diagrama seria de fato uma máquina abstrata que constitui e conjuga às margens da desterritorialização. O que querem dizer é que o diagrama é uma técnica que abre séries de intensidades e não se preocupa com o conteúdo da obra em si pois opera nos interstícios da composição onde sentimos a força transformativa da obra de arte. O biograma aparece pois nas técnicas de recombinação significativa do corpo que não cessam na forma. Há uma provocação de ressonâncias do corpo que transcende seus limites *conhecíveis* de solidez. O biograma seria a conjugação de ritmos de aparição e desaparecimento, da velocidade à lentidão, expressado nas dinâmicas de movimento. Em *stereomono*, a distância com o pedestre passa a ser um biograma de um corpo volátil, que dança junto pela duração pré-estabelecida de um minuto. Esta dança não se encerra nas formas e passos, mas extrapola-se em um excedente, dissolvendo limites. Manning descreve o biograma como a passagem “à experiência de um dividuismo ao invés de individualismo.” (Manning, 2015)

## 2. Imediação:

Aqui chegamos ao conceito de imediação. Brian Massumi (2011) destaca que vemos coisas que não vemos efetivamente. Em uma complexa análise entre forma e percepção ele observa que não vemos as espirais mas o espiralamento, o fluxo de movimento que emerge da forma. A forma é apenas uma plataforma para a sensação- ela não contém uma informação em si. Há algo sobre a natureza da percepção- sobre o ato de sentir um objeto, que referencia a seus volumes mas nos lança para além, nos mobiliza, neste instante, quando não interferimos na *voluminessência* de um objeto, direta ou imediatamente, atravessamos a semblância e somos movidos pela partícula imediata da situação. A aparência é portanto um evento, descreve Massumi (p.43, tradução nossa). O que Massumi define como semblância é a ação de tomar a abstração inerente à percepção dos objetos que a leva a um outro nível. Temos aqui o germe da teoria da Imediação: vivemos de nossos investimentos especulativos- são eles que nos movem.

A palavra imediação não existe anteriormente ao levante teórico que sugere uma interação baseada na supressão de mediação. Enquanto a ideia de mediação produz um conhecimento crítico a partir de uma distância, o conceito de imediação celebra o fato de que estamos sempre imersos na rede relacional. A imediação privilegia a categoria do evento e o imediatismo da experiência. Assim, defende-se que o pensamento e a percepção operam por intervalos menores que são incorporais, apesar de terem substância, e destas serem palpáveis. A substância dos intervalos, para a Manning, é a capacidade de reter qualidades mesmo quando a ocasião actual se dissipa. Frequentemente deixamos escapar ao movimento esta qualidade: a ação, quando nos retemos em analisar apenas formas e posições. É o intervalo, aquilo o que ocorre entre uma pose e outra, entre um gesto e outro, que cria um cisma no tempo linear, preservando o futuro no presente.

### 3. Movimento Situado:

Se mover-se não se encerra na forma, quando o corpo deixa de ser considerado um ponto matemático no espaço, e passa a ser puro instante ou ainda uma sucessão de instantes, o que preenche o instante e lapso entre perceber e responder é a situação. O que chamamos de situação, contudo, a partir da noção de filosofia do organismo, não são as condições deterministas de uma materialidade espacial, mas, o complexo diagrama de movimentos que se apresentam na ocasião. Em segundo é a memória, que intercalam instantes passados e presentes. A situação compõe-se intrinsecamente de enlaces da memória, esta como contração da matéria que torna possível surgir a *qualidade espacializada da situação em movimento*. (Whitehead, 1929).

Whitehead sugere que o esforço para definir “ambiente” estaria equivocado porque requer uma compreensão da finitude das coisas: a citada separação do lugar como uma esfera externa do corpo, por exemplo (1929, p.55). A experiência sentida de um *lugar* é, para ele, uma atividade de sensações e sentidos cujos potenciais já se apresentam no apetite de nosso deslocamento (p. 109) . Subsequentemente a natureza seria o mundo derivado da percepção dos sentidos e não algo preexistente que alimenta uma condição sensorial. A percepção sensorial poderia ser discriminada como um fato externo ao corpo apenas na medida em que os eventos de encontro compõem formas que dominam a experiência qualitativamente (p.72). Na filosofia processual de Whitehead a percepção está no

evento, no mundificar-se, e não num corpo pré-estabelecido e que teria capacidade de receber o mundo e a condições de uma paisagem estável.

#### 4. A dança da atenção:

Manning descreve que “A dança da atenção é ativada pela força co-compositiva dos diagramas para os movimentos que surgem ao longo de um evento que está chegando à expressão. O que mobiliza a atenção não é um sujeito externo, mas o evento em si. É o acontecimento que está atento à sua deformação, uma atenção que reorienta o acontecimento para o seu mais intensivo aspecto.” (Manning, 2012, pg. 139).

Esta dança da atenção é descrita como as pequenas alterações constantes, que povoam cada momento de nossa vida, o que também chamamos de *micropercepção*.

O que estes encontros causam, reciprocamente nos performers e no curso dos encontros, são estímulos de atentividade, que permitem reelaborar as coreografias de composição urbanas. Operamos a partir da ideia de contrastes, uma dissonância entre vetores nos fluxos dos pedestres, nos desvios de atenção. Uma proposição de dança situada é, neste caso um modo instaurado de relacionar-se e oferecer padrões e modos de gradação entre passado e futuro ( o passo ainda não já dado, a dança dançada mentalmente enquanto ouço fones de ouvido, a fuga de um encontro inesperado).

Assim, destaco que o procedimento de Stereomono conduz um modo de pesquisa, que não se encerra na composição de um material estável performático. Procuramos tencionar através deste trabalho a instauração de uma filosofia processual nos limites de seu pragmatismo especulativo e restaurar a atenção aos elementos *imediados*, que, por muito, permaneceram excluídos do vocabulário crítico que referenciam a dança relacional.

Finalmente, ainda sobre a reflexão sobre os procedimentos de pesquisa-criação deste processo, encerro com um questionamento tecnicidade e codificação em pesquisa-criação e constituição de investigações poéticas. Se entendemos um procedimento artístico como um caminho para a pesquisa, a *pesquisa-criação* não deve ser sobre um objeto, *mas sim explorar seu potencial antes de alinhar-se a métodos disciplinares e estruturas existente*. O fazer artístico seria então parte do método e não objeto da pesquisa.

## Referências Bibliográficas:

BORDELEAU, Erik. **Imediação, Bergson e o problema da Personalidade**. Revista Interfaces Brasil-Canada, v. 18, n. 2 (2018)

MANNING, Erin. **Relationscapes: Movement, art, philosophy**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2009.

\_\_\_\_\_. **Always More than One-** individuation's dance. Duke University Press, 2013.

\_\_\_\_\_. **The Minor Gesture**. Bogart: Duke University Press, 2016.

\_\_\_\_\_. O que Mais? Interlúdio de Sempre Mais do que Um A Dança da Individuação. Revista Dança. [v. 4, n. 2 \(2015\)](https://portalseer.ufba.br/index.php/revistadanca/article/view/15655). disponível em <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistadanca/article/view/15655>

MASSUMI, Brian. **Parables for the virtual: Movement, affect, sensation**. Durham; London: Duke University Press, 2002.

\_\_\_\_\_. **Semblance and the event**. Activist philosophy and the occurrent arts. Cambridge: The MIT Press, 2011.

STENGERS, I. (2018). **A proposição cosmopolítica**. *Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros*, (69), 442-464. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i69p442-464>

WHITEHEAD, Alfred North. **Process and reality, an Essay in cosmology**. New York: Harper, 1978.